

Zoos e aquários revisam seu compromisso com a conservação e vão muito além da educação ambiental ou da pesquisa em cativeiro: levam conhecimento e recursos financeiros para as regiões de origem de seus animais

Texto e fotos | Liana John

Imagem rara de um animal quase extinto na natureza: o leopardo nebuloso, uma das espécies que os zoológicos ajudam a conservar

Embaixadores da conservação



Leopardo nebuloso:
renovação genética
bem-sucedida

Os leopardos da Ásia hoje são bichos raros na natureza. Há milênios competem com o homem por território e pelas mesmas presas. Também continuam sob a mira dos comerciantes de peles. Suas populações estão reduzidas, isoladas e restritas a áreas remotas, onde convivem com comunidades humanas desprovidas de recursos para promover sua conservação. Mas eles têm aliados longe de casa: os visitantes e alguns especialistas de zoológicos da Europa, dos Estados Unidos e da Austrália. Parte dos ingressos de diversos zoos é destinada ao financiamento de medidas de conservação *in situ* (no local de origem). Parte da receita obtida nas lojas dos zoos vai para as comunidades humanas vizinhas dos leopardos. E o público ainda contribui com doações nas campanhas e nos eventos de arrecadação de fundos.

Os animais expostos nos zoos funcionam como embaixadores da conservação. Ao visitar seus recintos, o público recebe informações sobre as ações de proteção da espécie na natureza, junto com a prestação



de contas das medidas viabilizadas com os recursos ali doados. E pode participar também, comprando produtos cuja venda beneficia comunidades ligadas à sua conservação, caso dos tapetes e cobertores de lã de iaque, feitos na região da Mongólia, onde vive o leopardo-das-neves.

E não são apenas os felinos asiáticos: o mesmo tipo de iniciativa também beneficia cangurus arborícolas de Papua Nova Guiné, bonobos africanos, orangotangos da Malásia, falcõezinhos das Ilhas Maurício e várias outras espécies, incluindo tamanduás e antas do Brasil.

Só para os projetos de conservação na natureza, sem considerar as pesquisas feitas em cativeiro, o conjunto de membros da Associação Mundial de Zoológicos e Aquários (WAZA, na sigla em inglês) destina US\$ 350 milhões por ano. Isso coloca a WAZA em terceiro lugar entre os mais importantes financiadores da conservação da biodiversidade no mundo, após The Nature Conservancy (TNC) e o World Wildlife Fund (WWF).

“Não somos arcas de Noé, mas nosso planeta é. Estamos todos navegando juntos e as criaturas vivas são tesouros. Não podemos perder de vista o risco de extinção das espécies. Devemos juntar esforços e estabelecer

Voluntárias
explicam projetos
de proteção a
visitantes, bem ao
lado do recinto do
animal protegido:
o leopardo-
das-neves
(no destaque)

Artesanato
produzido
na Mongólia
ajuda a evitar
a caça para o
comércio de
peles. A venda
de produtos
certificados gera
recursos para
a conservação
de diversas
espécies
ameaçadas



FOTOS: CHRISTIAN SPERKA/NASHVILLE ZOO



Jeff Bonner, do zoo de St. Louis, defende a preservação *in situ* de espécies como pinguins e lêmures (*no destaque*): “Não somos arcos de Noé, mas nosso planeta é”

prioridades: se somos bons em chegar ao coração do público, se somos bons em captar as emoções das pessoas e transformar em ações de conservação, é o que devemos fazer”, defende Jeff Bonner, diretor-executivo do zoológico de Saint Louis, em Missouri, nos Estados Unidos. “As pessoas acham que os muros e cercas em torno de zoolos e aquários limitam suas ações pela conservação, mas o fato é que praticamente não existe mais natureza selvagem, livre de impactos gerados por atividades humanas. Se temos *expertise* em comportamento, na reprodução e no tratamento de doenças dos animais silvestres que os conservacionistas de campo não têm, precisamos nos tornar uma comunidade mais cooperativa e colaborativa.”

O zoo dirigido por Bonner apoia projetos de conservação dos lêmures de Madagascar, primatas exclusivos do país-ilha africano, ameaçados pela perda de habitat para agricultura, pecuária e coleta de lenha. Os especialistas de St. Louis contribuem com programas de reintrodução de lêmures na natureza, monitorando o estado de saúde dos animais de vida livre por meio de capturas para coleta de sangue. Assim, podem avaliar riscos de doenças associadas ao contato com o homem e manejar com mais sucesso as populações de lêmures em áreas protegidas. Além disso, treinam estudantes



e agentes governamentais, capacitando-os para montar pequenos negócios de ecoturismo e desenvolver programas de visitação seguros para os lêmures.

A exemplo dos demais primatas, os lêmures são sensíveis a doenças transmitidas pelos visitantes, como gripes. E não há ninguém melhor do que veterinários de zoolos para lidar com problemas desse tipo.

Os pinguins-de-humboldt também recebem ajuda de St. Louis. Metade da população dessa espécie, que nidifica no Peru, concentra-se em Punta San Juan para a reprodução. Mas essa área, localizada no litoral peruano, sofre forte pressão em razão da pesca predatória e da coleta indiscriminada de guano (fezes) para produção de adubos. O zoo envia técnicos para participar da contagem dos pinguins em censos anuais e financia o levantamento de campo necessário para a demarcação de Punta San Juan como área protegida. Sem contar os programas de educação ambiental, es-



pecialmente desenvolvidos para os pescadores industriais, com o objetivo de reduzir os impactos de suas atividades.

Renovação genética

Alguns projetos de cooperação entre zoolos e grupos de conservação derivaram de pesquisas genéticas de cativeiro e, depois, mudaram de rumo, focando questões de conservação. O interesse inicial do zoo de Nashville (Tennessee, EUA) em apoiar o governo da Tailândia na luta pela conservação do leopardo nebuloso, por exemplo, nasceu da constatação de alta consanguinidade entre os felinos dessa espécie em cativeiro: praticamente todos os exemplares mantidos nos Estados Unidos eram parentes entre si.

“O leopardo nebuloso é classificado como vulnerável à extinção e não podíamos importar novas matrizes, mesmo se fossem animais provenientes de apreensões. Então, iniciamos as negociações para o estabelecimento de um centro de reprodução na



CHRISTIAN SPERKA/NASHVILLE ZOO

A proximidade com animais propiciada por locais como o Woodland Park Zoo, de Seattle, conquista o coração e o respeito dos pequenos

Rick Schwartz e os filhotes de leopardo nebuloso que renovarão o estoque genético da espécie em cativeiro

A brasileira
Patrícia Medici
é financiada por
diversos zoos
para estudar o
papel ecológico
da anta (no
detalhe, o
filhote com
sua pelagem
característica)

Tailândia com o objetivo de trazer apenas os filhotes de segunda geração nascida em cativeiro”, conta Rick Schwartz, diretor do zoo de Nashville, especialista em fisiologia e reprodução. “Levamos sete anos para trazer os primeiros filhotes para os Estados Unidos e aquela foi a primeira renovação da diversidade genética dessa espécie em 27 anos.”

A reprodução em cativeiro desse felino é muito difícil. Em geral, o macho mata a fêmea por causa do estresse. Além de repassar as lições aprendidas ao longo de muitos anos aos técnicos tailandeses, os especialistas americanos se envolveram também na conservação do animal em vida livre. E fizeram a capacitação dos agentes designados para o censo do felino, muito difícil de exe-

cutar, pois o leopardo nebuloso é solitário, noturno e extremamente tímido, habituado a circular apenas na floresta densa, onde sua pele manchada o faz “desaparecer” de vista.

Com mais de 630 mil visitantes por ano, o zoo de Nashville destina US\$ 100 mil ao centro de reprodução do leopardo nebuloso da Tailândia. E comemora o nascimento de filhotes saudáveis todos os anos. Vale notar que o zoo é privado e não conta com nenhuma ajuda governamental, nem na forma de isenção ou desconto no fornecimento de água ou eletricidade. Tudo o que destina à conservação vem dos ingressos e da boa vontade de frequentadores e parceiros do zoológico.

Mais US\$ 40 mil anuais seguem para outros projetos, incluindo a pesquisa com a anta brasileira realizada por Patrícia Medici, do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), no Pantanal Sul. “Os recursos não são volumosos, mas há cinco anos posso contar com eles e tenho flexibilidade para usar o dinheiro no custeio da pesquisa: em combustível ou no pagamento de diárias de auxiliares, gastos nem sempre previstos nos recursos de outras fontes”, explica Patrícia. A pesquisa dela envolve a captura de antas em armadilhas para colocação de rádio-colar; coletas de amostras de sangue, sêmen, urina e fezes, além de observações diretas ou com



Um leilão antológico

Financiar projetos de campo voltados para a conservação das espécies em exibição ainda não é bem uma nova onda nos zoológicos brasileiros. Mas alguns começam a ensaiar ações nesse sentido. É o caso do zoo de São Paulo, que, em junho, realiza um leilão de pinturas feitas por antas e de fotografias retratando antas, com o objetivo de arrecadar fundos para pesquisas. As autoras das pinturas são antas (sim, os animais!) dos zoos americanos de Brevard, Houston, John Ball, San Diego, e Woodland Park. Os autores das fotos são Adriano Gambarini, Daniel de Granville, Luciano Candisani, Luiz Claudio Marigo e Liana John.

O evento é promovido pela Iniciativa Nacional para a Conservação da Anta Brasileira, do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ), em parceria com o zoo de SP, o Grupo de Especialistas em Antas da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN/SSC Tapir Specialist Group – TSG) e o zoológico de Houston (Texas, EUA). Os mais curiosos podem dar uma espiadela nas pinturas e assistir aos vídeos das antas em pleno ato de criação no perfil do evento, disponibilizado no Facebook com o nome **Pinturas Antológicas**.



armadilhas luminosas (câmeras automáticas). O objetivo é saber como as antas usam o ambiente e propor um plano de ação para sua conservação.

Campeões em arrecadação

Patrícia Medici ainda recebe várias doações de outros zoos estrangeiros e tem a oportunidade de financiar a pesquisa com um animal que não é exatamente carismático, num país que usa a palavra “anta” como sinônimo de gente estúpida. Uma das metas de sua pesquisa é, justamente, demonstrar a importância da anta nos diferentes ecossistemas brasileiros, na tentativa de mudar essa imagem distorcida do público leigo. No exterior, os visitantes de zoos são mais simpáticos ao nosso maior mamífero terrestre. E mais dispostos a pôr a mão no bolso para garantir sua proteção.

Ainda assim, tanto lá como aqui, os animais carismáticos ou “fofinhos” atraem mais atenção e recebem mais doações. No zoo e aquário de Columbus (Ohio, EUA), por onde passam 1,4 milhão de visitantes por

ARQUIVO COLUMBUS ZOO



Rebecca Rose cria eventos como degustações de vinho ou torneios de golfe para arrecadar fundos para pesquisa. Animais carismáticos, como os bonobos, recebem mais dinheiro e atenção do público



Lisa Dabek lidera 12 programas de conservação, como o do canguru arborícola

Caroline Gabel visita Papua Nova Guiné, onde protege os cangurus

ano, existem diversas caixinhas para coleta de moedas. Elas trazem informações sobre os projetos de campo apoiados e ficam bem ao lado dos recintos dos animais ameaçados de extinção, com os dizeres “A Quarter for Conservation” (algo equivalente a “Doe 25 centavos para a Conservação”). Em um ano, as caixinhas das espécies mais populares – ursos, primatas e felinos – chegam a reunir US\$ 10 mil, enquanto as caixinhas dos demais ficam em torno de US\$ 2 mil a US\$ 3 mil.

“O montante não é alto, se comparado a outras doações, mas é uma contribuição educativa, com grande participação das

crianças”, comenta Rebecca Rose, uma entusiasta e criativa “levantadora de fundos” de Columbus. A instituição destina US\$ 1 milhão por ano a projetos de conservação. A fonte principal de recursos vem dos ingressos (US\$ 600 mil). O restante sai das campanhas, leilões e eventos coordenados por Rebecca, como Vinho para a Vida Selvagem (Wine for Wildlife) ou a Copa de Golfe para a Conservação (The Conservation Golf Cup).

Pé na estrada

A arrecadação de recursos conta com a participação ativa de funcionários, diretores e voluntários, sempre dispostos a explicar os projetos aos visitantes. Entre os doadores, às vezes estão celebridades do mundo da música, cinema e televisão. Ou milionários engajados na proteção à biodiversidade, como Caroline Gabel, que criou uma fundação só para apoiar projetos socioambientais, a Shared Earth (Terra Compartilhada).

Invariavelmente, a oportunidade de participar das ações em campo é considerada uma recompensa para os mais dedicados. “Fui com Lisa Dabek a Papua Nova Guiné, após apoiá-la por vários anos em seu trabalho com os cangurus arborícolas. O ponto alto da viagem foi poder segurar no colo um desses animais!”, conta a financiadora Caroline. Lisa Dabek coordena as iniciativas de

conservação do Woodlands Park Zoo, (Seattle, EUA), com 12 programas de conservação e cerca de US\$ 1 milhão em recursos anuais.

Lisa também é responsável pela pesquisa de campo dos cangurus arborícolas. E quando viaja faz questão de levar seus colegas de escritório para o meio da floresta. “Não é possível trabalhar apenas com os animais ameaçados. Mesmo na natureza é preciso lidar com as pessoas, com as comunidades locais. No zoo, há vários departamentos e acho importante dar aos funcionários a oportunidade de interagir com esses grupos de pessoas”, resume a bióloga. “Um especialista em informática pode me ajudar a conectar os computadores em campo, alguém de finanças pode contribuir com a gestão dos fundos. E os doadores e conselheiros, só de tocar os animais solidificam seu apoio.”

Roger Wilkinson, do zoológico de Chester (Inglaterra), compartilha a mesma opinião: “Levamos especialistas em reprodução de aves do nosso zoológico para Palawan, nas Filipinas, e conseguimos excelentes resultados com a incubação dos ovos de uma espécie de cacatua, da qual só restam mil indivíduos em vida livre. As lições aprendidas em cativeiro são relevantes na natureza”, afirma. Isso também é verdade nos esforços de conservação de aves de rapina, como a águia imperial, em declínio desde 1950.

O zoo de Chester mantém dez programas de conservação, com 60 projetos distintos. A maior parte dos recursos (95%) vem de ingressos dos 1,2 milhão a 1,4 milhão de visitantes anuais. O restante sai das caixinhas de coleta de moedas e de doações on-line. Wilkinson gosta de visitar pessoalmente os projetos e valoriza tanto a contribuição dos veterinários do zoo na conservação das aves como a dos educadores, no trabalho com as comunidades locais. Especialmente quando as ações envolvem o estabelecimento de reservas, como em Sichuan, na China.

Por outro lado, as contribuições da internet também são substanciais: diversos games sociais e perfis no Facebook ajudam



ARQUIVO CHESTER ZOO



a levantar dinheiro. Nos próprios recintos, a forma de expor os animais foi invadida por tecnologias que melhoram o conhecimento dos visitantes sobre eles e encurtam distâncias entre a natureza e a área de exibição. Hoje, já não basta ter uma plaquinha dizendo qual é o bicho exposto, ao lado de uma mapinha com sua distribuição. Os zoolos e aquários mais modernos criam interações entre os visitantes e os animais, incluindo sons, toque e, até, possibilidade de participar da alimentação. E tais interações pegam o visitante pelo coração, comprometendo-os com a conservação das espécies. ●

Roger Wilkinson, do zoo de Chester, com filhotes de cacatua: “Lições do cativeiro são relevantes na natureza”. Até mesmo para aves em forte declínio, como a águia imperial

